

O MINISTÉRIO FEMININO NA IGREJA À LUZ DO NOVO TESTAMENTO

Uma análise bíblica a partir de Jesus e Paulo

Por Lidiane R. de Souza¹

RESUMO:

O tema do ministério feminino constitui-se um assunto polêmico entre os cristãos, especialmente no meio evangélico. Em algumas igrejas ou denominações as mulheres desfrutam de maior liberdade, podendo atuar em quaisquer ministérios, como ensino, pregação e pastoral. Já em outros espaços eclesiais esta atuação pode ser mais limitada, mas certamente a área que envolve maior controvérsia é o ministério pastoral. Contudo, as mulheres têm cada vez mais se destacado nestes espaços, antes exclusivamente masculinos. Sendo assim, a questão é, bíblicamente isso é possível? Diante desta pergunta, nosso objetivo é apresentar, a partir de pesquisa bibliográfica, uma análise bíblica do tema à luz do Novo Testamento, focando especificamente na figura de Jesus e de Paulo.

Palavras-chave: Ministério feminino, Igreja, análise bíblica.

ABSTRACT:

The theme about women's ministry is a controversial issue among Christians, especially in the evangelical environment. In some churches or denominations women enjoy greater freedom, being able to act in any ministries, such as teaching, preaching and pastoral care. In other ecclesiastical spaces, this activity may be more limited, but certainly the area that involves the greatest controversy is the pastoral ministry. However, women have increasingly stood out in these spaces, previously exclusively male. So the question is, is this biblically possible? In view of this question, our objective is to present, based on bibliographic research, a biblical analysis of the theme in the light of the New Testament, focusing specifically on the figure of Jesus and Paul.

Keywords: Women's ministry, Church, biblical analysis

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Não há dúvidas de que o papel da mulher na igreja tem sido um dos temas mais polêmicos no meio cristão, especialmente entre os evangélicos. Muito tem se falado, debatido e questionado a respeito de qual deve ser o papel e postura da mulher na igreja contemporânea.

¹ Bacharel em Teologia pelo Seminário Betânia e pela Faculdade de Ciências, letras e teologia e em Ciências Sociais pela UFPR. Pós-graduada em Psicopedagogia clínica e institucional e em Aconselhamento e Gestão de Pessoas. Mestre em Educação. Professora e diretora de ensino da Faculdade Teológica Betânia. E-mail: lidianebetania@gmail.com

Embora, em pleno século XXI, a igreja tente afirmar uma quebra de paradigmas e preconceitos com relação às mulheres no ministério e em algumas igrejas e denominações isto já seja uma realidade, lamentavelmente, não podemos dizer que seja um consenso ou uma postura geral entre as igrejas evangélicas. Ainda é comum encontrarmos afirmações e comportamentos carregados de preconceitos e "supostamente" apoiados por textos bíblicos, na maioria das vezes, fora do contexto e desprovidos de uma hermenêutica adequada, para atacarem o ministério feminino e torná-lo secundário e limitado.

Diante de tal realidade, precisamos olhar novamente para estes textos bíblicos com a devida cautela e, à luz de uma boa exegese, reavaliar interpretações cristalizadas, mas que nem sempre condizem com uma teologia saudável e devidamente contextualizada para responder com fidelidade bíblica aos desafios do nosso tempo.

Embora seja possível apresentar apenas um resumo de algumas pesquisas que tenho realizado nos últimos 20 anos sobre o assunto, o objetivo é expor, de forma breve, uma proposta de interpretação bíblica do tema com foco no comportamento e trato de Jesus para com as mulheres, assim como dois textos paulinos constantemente utilizados para justificar a limitação do ministério feminino na igreja, a saber, I Coríntios 14:34-35, "Conservem-se as mulheres caladas nas igrejas [...]" e I Timóteo 2:11-15, "[...] E não permito que a mulher ensine; nem exerça autoridade de homem[...]." Será que estes textos, interpretados de acordo com seus contextos, realmente limitam a liberdade feminina para algumas funções na igreja? Devem ser aplicados de forma indistinta e universal a todas as mulheres e contextos? Estas são perguntas que buscaremos responder neste artigo.

Sugerimos ainda, para uma abordagem mais ampla e adequada do tema, que seja levado em consideração uma análise dos textos de gênesis, 1, 2 e 3, sobre o propósito original de Deus; capítulo 1 e 2, os efeitos da queda; e capítulo 3 os efeitos da restauração em Cristo, que serão possivelmente objetos de outra publicação, dentre outros textos bíblicos, caso o objetivo seja realmente uma análise mais profunda e ampla da teologia bíblica sobre o tema. Contudo, esperamos que esta breve análise gere curiosidade e reflexão, contribuindo assim para o debate.

1 COMO JESUS TRATOU E SE RELACIONOU COM AS MULHERES?

Ao olharmos para os evangelhos, não resta dúvida de que Jesus foi o personagem mais revolucionário de seu tempo. Mais do que qualquer outro, Jesus ousou quebrar paradigmas, talvez antes inimagináveis. Sua proposta de libertação e seu padrão de valores eram tão inovadores, que causava conflitos até mesmo entre seus discípulos.

Um dos exemplos disto, era com relação à concepção de liderança como exercício de poder, domínio e autoridade. Os discípulos queriam ser os primeiros (Mc. 9:33-36), ter poder para dominar as pessoas, estar em um lugar de maior destaque (Mc.10:35-45). Jesus reconhecia que estes eram os padrões e conceitos de seu tempo, e ainda o são até hoje, no entanto, Jesus lhes traz um ensinamento completamente antagônico, o do serviço:

“Sabeis que os que são considerados governadores dos povos têm-nos sobre seu domínio, e sobre eles seus maiores exercem autoridade. Mas entre vós não é assim; pelo contrário, quem quiser tornar-se grande entre vós, será esse o que vos sirva”. (Mc. 10: 42-43).

Embora Jesus estivesse ciente das estruturas contrárias que o cercava, Ele introduz um novo modelo, uma nova visão, revolucionária. Isto tornou-se uma marca em todo o seu ministério. E da mesma forma Ele se comportou com relação às mulheres.

Jesus Cristo inaugura uma nova era: a do Reino de Deus aqui na terra. Agora existe uma nova dinâmica, transformadora e radical, para o ser humano: homem e mulher. Naturalmente, Jesus expõe com audácia sua relação redentora com a mulher de seu tempo (...). Indubitavelmente ele a **incorpora**, animando-a a caminhar, de uma forma diferente e renovada, digna, segura, ao sentir-se amada: a **nova identidade do reino**. Jesus incorpora a mulher no diálogo e na missão².

Se realmente queremos ser chamados “cristãos” e almejamos como igreja alcançar, a *medida da estatura da plenitude de Cristo (Ef. 4:13)*. O convite está lançado. Jesus nos convida a seguir o seu exemplo (Jo 13:14). Se verdadeiramente cremos que Jesus é a máxima revelação da vontade do Pai, a nossa teologia, conceitos e paradigmas devem ser Cristocêntricos.

² R.M. de ULLOA. A missão da igreja e o papel da mulher. In: Valdir R. ETEUERNAGEL. *A Missão da Igreja*. p.133.

Segundo Freitas, “somente uma cristologia baseada na prática de Jesus a respeito da mulher poderá ajudar a superar atitudes discriminatórias da igreja e levar a uma comunidade de igualdade e reciprocidade”³ Daí a necessidade de observarmos a postura de Jesus frente a mulher e os preconceitos de seu tempo.

A postura da sociedade grega e judaica sobre a mulher era, na maioria das vezes, de rebaixamento; a mulher era considerada inferior ao homem, e por isto era tida como uma propriedade do marido. Jesus, porém, a vê e a trata de forma completamente diferente. Ele as inclui em sua lista de amigos e discípulos, enquanto que para os judeus mais ortodoxos, as mulheres não poderiam participar ativamente do culto. Ele ensinava a elas verdades espirituais profundas. Coleman comenta que:

Alguns de seus mais profundos ensinamentos foram transmitidos a mulheres. Alguns foram dados em particular, como no caso da mulher à beira do poço (Jo.4). E do ensino sobre ressurreição dado a Marta e Maria (Jo 11.)⁴

Isto, enquanto a atitude em geral era que, em hipótese alguma um homem poderia conversar com uma mulher estranha em público, Alguns chegavam a afirmar que um homem não deveria falar nem mesmo com a própria esposa fora de casa. Mas Jesus simplesmente ignorava esta atitude, e mais uma vez, quebra os paradigmas da época, não apenas com relação ao relacionamento homem/mulher, mas também sobre a questão entre judeus e samaritanos.

Jesus entrou na casa de mulheres, uma atitude extremamente corajosa para a cultura em que estava inserido e que provavelmente o expunha a duras críticas. Ele as incluía em suas ilustrações e ensinamentos em uma posição de igualdade com os homens.⁵ Porém, Colin Brown faz uma observação importante:

Se as parábolas de Jesus erguiam as mulheres para uma posição igual àquela dos homens, e se certas mulheres se destacaram na narrativa dos evangelhos, os ditos de Jesus deixam claro que não é por causa do sexo que os homens ou as mulheres são importantes. É o relacionamento entre eles e Jesus que importa.⁶

³ C. FREITAS. A Mulher Latino Americana na Sociedade e na Igreja. p.8

⁴ COLEMAN. Op. Cit. p. 96.

⁵ J.D.DOUGLAS.(Org.) *O Novo Dicionário da Bíblia*, p.1076)

⁶ Colin, BROWN. *Dicionário internacional de Teologia do Novo Testamento*. p.1341.

Jesus não estava interessado em selecionar homem ou mulher, gentio ou judeu, escravo ou livre, fariseu ou publicano; Ele olhava para a devoção e disposição de cada indivíduo em segui-lo, independente da raça, sexo ou classe social.

Outra questão que parece não fazer sentido para uma mentalidade patriarcal é o fato de Jesus, após sua ressurreição, ter se revelado primeiramente às mulheres. Elas são as primeiras a serem informadas de sua ressurreição e a receberem a ordem do anjo de anunciá-la (Mt.28:7). E Jesus, ao revelar-se a elas, (Mt. 28:9) reforça a mesma comissão (Mt. 28:10).

Contudo, muitos ainda tentam justificar a liderança na igreja exclusivamente masculina, usando Jesus como modelo, ao afirmar que Ele só escolheu homens para compor a escola dos doze apóstolos⁷, o que é uma realidade e certamente tinha motivações bem práticas, levando-se em consideração a cultura do seu tempo e o modelo de convivência integral escolhido por Jesus.

Imaginem, especialmente naquele contexto e cultura, Jesus convivendo e viajando por vários lugares, durante 3 anos, com um grupo de homens e mulheres. Por razões bem práticas, mesmo hoje isso não parece algo muito aconselhável. Os comentários, a aparência do mal, os filhos. Enfim, não podemos afirmar com segurança por que Jesus não o fez, pois ele mesmo não falou sobre isso. Contudo deduzir que haviam questões teológicas e critérios universais sendo estabelecidos ali é pura inferência e parece destoar completamente das atitudes de Jesus em relação às mulheres.

No entanto, os que se utilizam desse argumento e insistem em aplicar “os mesmos critérios” de Jesus na escolha dos apóstolos, esquecem que todos os apóstolos também eram judeus. Não havia um gentio sequer. Usando a mesma lógica, devemos deduzir então que os gentios não devem liderar a igreja, pois Jesus escolheu apenas judeus?

Com isso, o que fica claro é que Jesus, o Deus encarnado, com sua vida e palavras, veio para restaurar e redimir o propósito original do criador de uma simetria

⁷ Este argumento se torna extremamente irrelevante, no que diz respeito à aprovação da liderança feminina, se apenas chamarmos atenção para o fato de que Ele também não escolheu, nenhum gentio, todos eram judeus. Será que isto significa que nenhum gentio pode ser líder, mestre, pastor da igreja hoje? (Alvera MICKELSEN. Op. Cit. p.229)

e reciprocidade nos relacionamentos humanos, tanto entre homem e mulher, quantos nos demais relacionamentos afetados pelo pecado⁸.

Neste sentido, John Stott não exagera ao afirmar que: “sem alardes nem publicidade, Jesus acabou com a maldição da queda, devolveu à mulher a nobreza que tinha parcialmente perdido e restituiu a bênção original da igualdade dos sexos na nova comunidade de seu Reino”⁹. E Reina complementa, ao explicar que:

Deus proveu a redenção com o fim de restaurar a relação do ser humano com seu Criador, a qual tinha sido quebrada com a entrada do pecado. O propósito redentor aponta a reorientação de todas as coisas para seu propósito original. Na epístola aos Gálatas o apóstolo Paulo declara que as diferenças e barreiras têm sido derribadas em Cristo Jesus. O que antes era antagônico, opressivo ou marginalizado como as relações – judeu-grego, escravo-livre, homem-mulher, pela obra de Cristo mudam radicalmente.¹⁰

O que fica claro diante da vida e ministério de Jesus, é que ele de fato veio para restaurar o que se havia perdido e anunciar os novos valores do reino. Jesus, como a revelação máxima do pai, melhor do que qualquer outro, soube expressar, sobretudo na prática, um discipulado de iguais.

Portanto, ninguém obterá êxito ao tentar usar a vida de Jesus como um exemplo para afirmar conceitos de opressão ou discriminação, sejam eles de raça, sexo, ou classe social. Assim, ninguém melhor que Ele constitui-se um modelo de libertação e restauração da liberdade feminina.

Outro personagem bíblico muito evocado para justificar a restrição das mulheres a alguns ministérios da igreja é o apóstolo Paulo. Afinal, ele teria proibido as mulheres de falarem na igreja? É o que veremos a seguir.

2 CONSERVEM-SE AS MULHERES CALADAS NAS IGREJAS...

Conservem-se as mulheres caladas nas Igrejas, porque não lhes é permitido falar; estejam submissas como a lei o determina. Porém se querem aprender alguma coisa, interroguem, em casa, a seu próprio marido; porque para a mulher é vergonhoso só o falar na igreja. (1 co 14:34-35)

⁸ Ibidem.

⁹ R. Padilha. A relação homem e mulher na Bíblia. In: Clade IV.p.17

¹⁰ Enrique M. REINA. A relação homem\mulher na perspectiva cristã. In: Clade 4.p. 222.

Este é um dos textos frequentemente citados para justificar que as mulheres não devem pregar ou ensinar na igreja, o que, em um primeiro momento, pode até parecer coerente. Contudo, Paulo não havia acabado de tratar a questão de como as mulheres deveriam orar e profetizar nas reuniões públicas? (1 co. 11:5) Se interpretarmos estes versículos como uma proibição absoluta de que a mulher participe oralmente do culto, teremos que afirmar também que esta constitui-se em uma contradição bíblica em relação a I Coríntios 11:5. No entanto, admitir que o eloquente apóstolo Paulo tivesse se contradito, na mesma epístola, entre um intervalo de dois capítulos, não parece ser um argumento satisfatório, nem mesmo para os adeptos de algumas falácias hermenêuticas, como o literalismo seletivo, que tenta, através de passagens como 1 Coríntios 14:34 e Timóteo 2: 11-14, como veremos a seguir, boicotar a liberdade para exercício do ministério feminino.

Mas se este não é o caminho mais satisfatório para uma interpretação mais coerente deste texto. Qual será? Não podemos negar que tal tarefa constitui-se em um instigante desafio exegético, já que a situação específica que leva o autor a escrever tais palavras à igreja de Corinto não é conhecida ou suficientemente clara para nós. Era para o autor, assim como para os destinatários originais, mas não o é para nós.

Dificuldades como esta têm dado lugar às mais variadas propostas, alguns igualitários chegam a concluir que a ordem para as mulheres não é de autoria de Paulo; como é o caso de Gordon Fee.

Em dias recentes, o erudito evangélico Gordon Fee juntou-se a muitos comentaristas críticos ao argumentar persuasivamente que injunções concernentes às mulheres (v. 34-35) não saíram da pena do apóstolo, mas constituem uma interpolação no capítulo.¹¹

Este é também o ponto de vista de Colzelmann. Para ele, esta seção transtorna o contexto, interrompendo o tema da profecia e prejudicando o fluxo de pensamento¹². Embora a aceitação deste argumento pudesse resolver o problema de interpretação, entendemos que ele não é suficiente para afirmar uma interpolação não paulina.

Optamos, portanto, por buscar a compreensão de tais palavras no contexto de sua discussão com relação às profecias e a necessidade de ordem no culto. O

¹¹ Stanley, J. GRENZ. Mulheres na Igreja. p. 128.

¹² Mary EVANS. A mulher na Bíblia. p.98

que nos leva a mais uma evidência de que o texto em questão não pode ser interpretado como uma proibição universal obrigatória para silenciar as mulheres.

Lançar mão destes versículos para apresentá-los como um padrão universal de proibição para o exercício do ministério de ensino ou liderança feminina, irá confrontar seriamente regras básicas da hermenêutica, como levar em conta o contexto literário do texto, pois algo que fica bem claro, principalmente partir do versículo 26, é que Paulo está tratando a questão da **ordem no culto, e não ministério feminino**, e é com isso em mente que devemos olhar para este texto, inclusive ele termina a sessão deixando isso muito claro: "Tudo, porém, seja feito com decência e ordem" (I co .14: 40). Conseqüentemente, não é ao menos coerente fazer uso destes versículos a fim de coibir o ministério de ensino e de pregação das mulheres na igreja contemporânea.

Contudo, se levarmos em consideração o fato de Paulo estar falando sobre **ordem no culto**, e partirmos do ponto de vista de que o versículo 35 constitui-se em uma chave hermenêutica para a compreensão da passagem, torna-se fácil a interpretação de que Paulo estava se referindo às esposas que costumavam atrapalhar o culto com questões ("**porém, se querem aprender alguma coisa** [...]).

É natural que as mulheres, ao terem a oportunidade de, pela primeira vez aprender juntos com os homens no culto, estivessem curiosas e cheias de questões sobre os ensinamentos da fé, mas isso estava prejudicando a ordem do culto e é afim de corrigir este problema que Paulo proíbe tal prática, e a direciona para um lugar mais apropriado, "**interroguem em casa seu próprio marido.**"v. 35. Standahl, adepto desta teoria, diz que o versículo 35 "esclarece que o silêncio contrasta com "fazer perguntas" e não com pregação, ensino ou profecia¹³.

Embora outras propostas tenham sido feitas ao longo dos últimos anos, esta é, sem dúvidas, uma das mais satisfatórias, já que corresponde perfeitamente ao contexto. Este é também o parecer de Witherington.

Concluo que o problema da ordem da criação ou da família não é o foco desta passagem; mas, sim, o problema da ordem na igreja causado por certas mulheres da congregação. Paulo corrige o abuso, não proibindo as mulheres de falar durante a adoração, mas silenciando o excesso de conversa e redirecionando o excesso de pergunta para outro horário e lugar. Esta passagem de forma alguma contradiz I Co II: 5, nem outra

¹³ Ibidem p. 100

passagem que sugira que as mulheres podem ensinar, pregar, orar ou profetizar nas igrejas ou fora delas.¹⁴

Um fato interessante é que embora alguns tentam fazer desta passagem uma proibição universal para a participação oral das mulheres na igreja pregando ou ensinando, o que nada tem haver com o contexto da passagem, a grande maioria se contradiz ao não se opor que a mulher ensine na escola dominical para crianças... Ou será que, por ventura, a escola bíblica infantil não faz parte da igreja?

Sejamos coerentes, se a proibição de Paulo realmente for tida como universal, e portanto, legítima para qualquer tempo e situação, então as mulheres também não devem cantar no louvor da igreja, dar testemunhos ou avisos no culto, mas normalmente não encontramos pessoas dispostas a seguir com esse literalismo descontextualizado até o fim. Ainda assim, não é incomum constatar que argumentos tão mal fundamentados tenham podido limitar e até mesmo boicotar o ministério de tantas mulheres chamadas e vocacionadas por Deus ao longo da história.

3 PODE A MULHER ENSINAR OU EXERCER AUTORIDADE?

Outro texto frequentemente usado para limitar e até mesmo proibir o ministério da mulher hoje, é o de I Timóteo 2:11-15:

A mulher aprenda em silêncio, com toda a submissão. E não permito que a mulher ensine; nem exerça autoridade de homem; esteja, porém, em silêncio. Porque primeiro foi formada Adão, depois Eva. E Adão não foi iludido, mas a mulher, sendo enganada, caiu em transgressão. Todavia, salvar-se-á dando a luz a filhos, se permanecer na fé, e amor e santificação com bom senso. (ARA)

Reconhecemos que seria muito mais fácil, e um caminho bem mais curto, interpretar este texto de forma literalista e dizer que, baseados em suas próprias palavras, ele exclui as mulheres do ministério de ensino e pregação na igreja, assim como qualquer tipo de liderança. Porém, devemos lembrar que nem sempre o caminho mais fácil e curto é o correto. E por este motivo, antes de tirar quaisquer conclusões deste texto, algumas considerações devem ser feitas.

¹⁴ GRENZ. op. Cit. p. 131.

A primeira delas, e a maior causadora da dificuldade em sua interpretação, é o fato de que temos a resposta de Paulo a uma situação problemática existente em Éfeso. No entanto, não sabemos ao certo como estas informações foram descritas a Paulo, ou talvez nem fora necessária uma descrição, pois Paulo, assim como Timóteo, já estava bem inteirado do assunto e contexto de Éfeso, já que Paulo havia passado três anos lá.

Outro elemento que precisa ser levado em consideração se pretendemos usar de uma hermenêutica saudável, é o próprio contexto histórico e literário que demonstram a problemática da cidade de Éfeso. Ao olharmos para as palavras de Paulo em I Timóteo 1:3-7, fica claro que **grande parte do problema na igreja de Éfeso era com o ensino.**

Nos versos 3-4 e 6-7 de I Timóteo 1, Paulo deixa bem claro a sua preocupação com a questão do ensino na igreja de Éfeso; a introdução de outras doutrinas (v.3), que ele denomina de fábulas (v.4), provavelmente estavam provocando discussões (v. 4) e levando algumas pessoas a se desviarem da fé e da sã doutrina (v.6). E estas pessoas que tentavam passar-se por mestres, nem ao menos compreendiam o que diziam, nem os assuntos sobre os quais faziam ousadas asseverações (v.7).

Paulo outra vez retoma o assunto sobre os falsos ensinamentos, em I Timóteo 1:10, 19, 20, e no capítulo 4:1-3 ele fala especificamente sobre os ensinamentos errôneos sobre o matrimônio: "...pela hipocrisia dos que falam mentiras e que tem cauterizada a própria consciência, que proíbem o casamento..."

E I Timóteo 4:7, por sua vez, é uma forte indicação de que as mulheres eram um poderoso instrumento de propagação destas doutrinas heréticas: "Mas rejeita as fábulas profanas de velhas caducas...". Contudo, para compreender melhor as possíveis razões de tais afirmações, precisamos conhecer o contexto cultural e religioso de Éfeso.

Vale destacar que todas as cidades gregas tinham um santuário dedicado à deusa Artemis, nome grego de Diana, como era conhecida pelos romanos, a "Diana dos efésios", (Atos 19: 28 e 34). O templo de Éfeso era o maior e o mais recente.¹⁵ Artemis era vista como uma deusa caçadora, e era representada como uma jovem, equipada de arco e flechas de caçadora, sendo acompanhada por cães e veados.

¹⁵ Alvera, MICKELSEN. Op.Cit. p. 244.

Acreditava-se que ela era um “espírito livre” e protetora das mulheres. Os sacerdotes de Artemis eram ordinariamente eunucos e as sacerdotisas deveriam ser virgens.¹⁶ Champlin explica a razão disto:

“Essa ênfase sobre virgindade e castidade evidentemente resultava daquela parte da lenda que dizia que a Artemis grega tinha aversão pelo matrimônio por ter observado o terrível parto que tivera sua mãe”.¹⁷

A mulher no culto à deusa Ártemis tinha preeminência, e um papel extremamente importante. E isto dava lugar a uma série de conceitos errôneos, entre eles o relato da criação, sexo e matrimônio.

“Alguns gnósticos diziam que Eva fora criada antes de Adão e que o iluminará com seu conhecimento superior (...) ensinavam que as mulheres verdadeiramente espirituais não deveriam casar-se e ter filhos”.¹⁸

Havia também o antigo mito de Lilith, uma deusa ou demônio feminino adorada na Mesopotâmia e na Babilônia. A primeira menção sobre quem foi Lilith surgiu entre os sumérios a 3000 a.C., com um registro conhecido como "o poema Lilitu". Na Babilônia, Lilith era uma deusa e provavelmente os judeus a incluíram na sua cultura durante o período em que ficaram exilados.¹⁹

Posteriormente, no folclore hebraico, Lilith será mencionada como a primeira mulher de Adão, criada, não da costela dele, mas ao mesmo tempo e do mesmo material que ele, e por ter abandonado o homem e saído do Jardim do Éden fora condenada por Deus e transformada em um demônio²⁰. Lilith é citada em textos da literatura hebraica como o Midrash, Talmud, Alfabeto de Ben-Sira e na cabala judaica.

Enfim, não sabemos a que fábulas profanas exatamente Paulo está se referindo neste versículo de I Timóteo 4:7, mas existiam várias delas, tanto na

¹⁶ R.N. CHAMPLIN. Enciclopédia de Bíblia Teologia e Filosofia. P. 321.

¹⁷ Ibidem.

¹⁸ A. MICKELSEN. Op. Cit. p. 244-245.

¹⁹ Fonte: https://www.bibliaon.com/lilith_primeira_mulher_de_adao/

²⁰ O mito de Lilith pode ser encontrado em diversas literaturas e artigos, inclusive na internet, sugerimos aqui alguns endereços eletrônicos para quem desejar se interar melhor sobre o assunto.

https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-77011997000100005 ;

<https://www.infoescola.com/mitologia/lilith/> ; <https://super.abril.com.br/mundo-estranho/teoria-da-conspiracao-lilith-a-primeira-mulher-de-adao/> ;

<https://www.uol.com.br/universa/noticias/redacao/2019/11/13/nao-so-eva-conheca-lilith-a-suposta-e-feminista-primeira-mulher-de-adao.htm>

cultura grega e romana do período, como a deusa Ártemis/Diana (mencionada em Atos 19: 28 e 34 “Grande é a Ártemis dos Efésios”), assim como Lilith na hebraica.

À luz do contexto cultural e religioso de Éfeso e com o auxílio de alguns textos mencionados pelo próprio Paulo na carta, como vimos acima, facilmente deduzimos que o problema que o Apóstolo tentava remediar com a passagem de I Timóteo 2: 11-15 estava sendo causado por mulheres que haviam sido influenciadas por estas falsas doutrinas. Talvez ex-adoradoras da deusa Ártemis, que mesmo tendo se convertido, traziam consigo estes conceitos errôneos que possivelmente estavam influenciando o ensino da igreja em Éfeso.

Embora estes fatos já pareçam ser suficientes para concluirmos que Paulo visava solucionar uma situação específica existente no contexto de Éfeso, que na maioria das vezes nada tem a ver com a nossa realidade. Portanto não devemos fazer deste texto uma proibição universal.

Mas há ainda algumas considerações que devem ser feitas a fim de nos ajudar em uma interpretação mais coerente do texto.

Um fator que deve ser esclarecido primeiramente, é que a palavra *hesuchia*, traduzida por "silêncio", pode também ser traduzida por tranquilidade, como foi usada em 1 Timóteo 2:2 e em II Ts. 3:12, onde a palavra silêncio seria totalmente inapropriada. Sendo assim, devemos entender a palavra silêncio, não como ato de não falar, mas como "aprender tranquilamente"²¹, um comportamento tranquilo diante do aprendizado, e não de inquietação, desviando a atenção dos demais.

E com toda submissão, o texto não diz a quem elas deveriam estar submissas. Alguns deduzem que ao marido, pelo fato de mais a frente citar os nomes Adão e Eva. Porém, e as mulheres solteiras e viúvas? A quem deveriam estar submissas? Outros sugerem que aos mestres/professores da época, e ainda aqueles que acreditam que a todos os homens, no entanto, o texto em momento algum menciona isto. O mais provável, segundo Evans, é que aprender em “silêncio com toda submissão” de fato reflita as ideias educacionais da época quanto a melhor maneira de apreender²², em silêncio e com respeito submisso aos mestres, o *que* também estaria coerente com o ensino de Paulo em Efésios 5:21: “Sujeitai-vos uns aos outros no temor de Cristo.”

²¹ Mary EVANS. Op. Cit. P. 104.

²² Idem. P. 105.

O versículo 12 é o mais usado para proibir o ministério de ensino e pregação das mulheres, contudo, à luz do contexto histórico, poderíamos facilmente parafraseá-lo da seguinte forma: “Eu não estou permitindo que a mulher ensine, porque elas não estão preparadas para ensinar”. Isto porque, o verbo poderia ser usado tanto para uma proibição momentânea, como permanente. E ainda porque Paulo usa a 1ª pessoa do indicativo ativo, “Eu não estou permitindo [...]”, no lugar da maneira mais formal, “não é permitido”, já que, talvez quisesse indicar que estava usando o seu julgamento pessoal para resolver aquela situação momentânea.²³

Outra questão intrigante deste texto é o uso da palavra *authenreō* (autoridade). Paulo, ao escrever este texto, ao invés de escolher as palavras mais comuns para denotar o exercício de autoridade, (*exousia zō*) ou de poder (*Kyrieuō*), prefere usar a palavra *authenreō*, que é usada unicamente nesta passagem em toda a Bíblia.²⁴

Muitos significados e interpretações têm sido dados a esta palavra; Catherine Kroeger, após uma extensa pesquisa sobre o seu uso na literatura grega clássica, concluiu que o uso mais antigo deste termo era “assassinato”.²⁵

Baseado em pesquisas recentes, Andrew Perriman afirma que, na época de Paulo haviam dois sentidos interligados para este termo, sendo o primeiro o de instigar ou perpetuar um crime, instigar violência,²⁶ o que é razoável se levarmos em conta a influência do culto à deusa Artemis, pois ao que parece, seus sacerdotes eunucos eram muitas vezes castrados, e o outro é o de influenciar, com uma conotação negativa, dominar.²⁷

Esta atitude por parte das mulheres, assim como dos homens, devia ser condenada, pois não reflete o ensino de Cristo. Dominação e manipulação não deveria ser a atitude de nenhum cristão (Gl. 3:28; I Cor. 11: 11-12). Mas naquele contexto religioso de abuso por parte das mulheres a repreensão de Paulo é voltada diretamente a elas.

Enfim, muitas propostas têm sido feitas para uma interpretação aprazível e coerente deste texto, no entanto, por não podermos nos ater mais a esta questão, iremos expor resumidamente, apenas o parecer de Mark D. Roberts, candidato ao

²³ Ibidem.

²⁴ Stanley J. GREENZ. Op. Cit. P. 143.

²⁵ Apud. A. MICKELSEN. Op. Cit. 247.

²⁶ Apud. Stanley J. GREENZ. Op. Cit. 144.

²⁷ Ibidem.

Ph.D. em Novo Testamento, pela Universidade de Harvard, que concluímos ser a mais satisfatória.

Roberts aponta o versículo 15 como uma chave hermenêutica para a interpretação de I Timóteo 2:11-15:: “salvar-se-á dando luz a filhos, se permanecer em fé amor, santificação e bom senso”. A pergunta é, a que tipo de salvação Paulo se referia? Salvação do pecado; da morte para a vida eterna? Então o fato de a mulher tornar-se mãe dá-lhe o mérito da salvação? Obviamente que não, pois se assim fosse Paulo comprometeria toda sua soteriologia, que era um dos temas centrais de seu ensino: “salvação somente em Cristo, pela graça, mediante a fé.” (Rm. 5:9; Rm 10:9; Ef. 2:8; 2Tm 1: 9; Tt. 3:5...).

Alguns autores ainda sugerem que ela seria salva da morte e perigos do parto, no entanto, como explicaríamos o enorme número de mulheres que morrem em serviço de parto? A resposta de Roberts é a seguinte: a mulher não será salva da morte, mas da condição teológica que a impede de ensinar. Ela será salva, adquirindo uma condição eclesial saudável ²⁸. E mais, Mary Evans lembra que: “seja qual for o papel da mulher em outra parte, o seu papel como esposa e mãe não deve ser desprezado.” ²⁹

Outros autores ainda sugerem que esta salvação faz referência a Jesus, nascido de mulher e salvador das mesmas, o que é uma realidade, sem dúvidas; Jesus é o salvador de todos que o confessam pela fé e restituiu as mulheres à sua condição de dignidade original. Contudo, este não parece ser o sentido da palavra salvação nesta passagem especificamente, tendo em vista que o apóstolo usa a palavra no tempo futuro; “será salva”. Mesmo Jesus já tendo morrido pela salvação de todos.

Portanto, Paulo proibiu circunstancialmente as mulheres de ensinar por não estarem aptas para o mesmo e causando problemas, “todavia” v.15,(conjunção adversativa, como entretanto, porém, contudo, mas...) seus dons e ministérios seriam salvos ou preservados de tal disciplina se elas abandonassem tais conceitos gnósticos de que a mulher não deveria se casar e ter filhos, antes deveriam valorizar o precioso papel de esposa e mãe que Deus havia lhe dado, e mais do que isto, deveriam mostrar suas qualificações para o ministério através de uma “permanência na fé, e no amor, e santificação, com bom senso”. (v. 15). Estes critérios liberariam

²⁸ Mark D. ROBERTS. Uma Análise cuidadosa de I Tm 2:15 p. 85.

²⁹ Mary EVANS. Op. Cit. p. 111.

tais mulheres dessa proibição, pois demonstrariam sua aptidão e abandono das práticas e crenças equivocadas daquele contexto.

Assim, utilizar este texto como uma proibição universal de Paulo para todos os tempos e mulheres parece no mínimo uma posição equivocada sobre o texto.

Entretanto, para aqueles que insistem em utilizar este texto como uma proibição para o ministério pastoral feminino, com base na interpretação de que Paulo está falando de uma “autoridade positiva ou pastoral”, delegada exclusivamente aos homens”, o que não parece uma base segura para a formulação de tal doutrina, como já discutimos, que sejam pelo menos coerentes, proibindo-as completamente de também pregar ou ensinar. Pois é comum ver alguns líderes que são contra o ministério pastoral feminino por argumentar que a mulher não pode exercer autoridade sobre homens, com base neste versículo, mas flexibilizam o ensino e pregação, também mencionado no mesmo. São literalistas e radicais em uma parte do texto, mas flexíveis na outra. Com que critério?

O Novo Dicionário Bíblico, organizado por Douglas (1995) apontando ainda para o caráter contextual e local da passagem argumenta:

Paulo tratava da situação local das igrejas requerendo que as convenções sociais da época fossem observadas. Não obstante, deixou estabelecido o princípio de que Deus não faz acepção de pessoas e que todos os crentes são um em Cristo. (Gl. 3:28)³⁰

Mas, infelizmente, pessoas que tentam limitar o papel da mulher na igreja geralmente tendem a ignorar outros ensinamentos de Paulo, como o de Gálatas 3:27-29. Alguns eruditos afirmam que se trata de uma alusão a uma forma batismal primitiva (cf. paralelos em I Co 12:12-13; e Cl. 3:9). Baseado nisso, Scroggs comenta: “entrar na comunidade cristã, portanto, significa filiar-se a uma sociedade na qual tinham sido descartados os preconceitos entre homens e mulheres, bem como a avaliação baseadas nos seus respectivos papéis.” A comunidade não tinha a capacidade de alterar os valores dos papéis nas culturas fora dela, porém, dentro dela, os padrões de comportamento e os mútuos relacionamentos deviam basear-se nesta posição de igualdade, de funções e responsabilidades diante de Deus.³¹

³⁰ J. D. DOUGLAS (Org.) O Novo Dicionário da Bíblia, p. 1076

³¹ Colin, BROWN. Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento, p. 1342.

Há também uma tendência de se usar os ensinamentos de Paulo no capítulo 11 de I Coríntios, para restringir o papel das mulheres, entretanto, neste caso os versículos conclusivos da questão (11-16) são ignorados.

No Senhor, todavia, nem a mulher é independente do homem, nem o homem, independente da mulher. Porque, como provém a mulher do homem, assim também o homem é nascido da mulher, e tudo vem de Deus... (I Cor. 11:11-12).

Outra questão a ser levantada é em relação aos dons. Paulo em momento algum faz distinção entre os dons "masculinos e os femininos", mesmo em sua lista de dons em Efésios 4:11, onde ele ressalta os dons ministeriais, profetas, apóstolos, evangelistas, pastores e mestres, é mencionada alguma restrição. Antes, diz que é o Espírito que os distribui conforme lhe apraz. (I Cor. 12:11).

Pedro anunciou com muita clareza os grandes ideais do Pentecostes ao citar o profeta Joel:

E acontecerá nos últimos dias, diz o Senhor, que derramarei o meu Espírito sobre toda carne, "vossos filhos e vossas filhas" profetizarão, vossos jovens terão visões, e sonharão vossos velhos; até sobre os meus "servos e sobre as minhas servas" derramarei do meu Espírito naqueles dias, e profetizarão. (Atos 2:17-18) (grifo meu).

E foi exatamente isto que aconteceu no Pentecostes, o Espírito fora derramado sobre homens e mulheres. O impacto do ministério feminino era tamanho que tanto "homens como mulheres" eram levados presos a Jerusalém (Atos 9:2).³²

Há muitos exemplos ao longo das cartas paulinas, principalmente em Romanos, que mostra o papel fundamental exercido por algumas mulheres, como é o caso de Febe, mencionada em Romanos 16:1, como *diáconos* da igreja de Cencreia, o único nome da lista de 27 descrito com esta função. O mesmo termo também é usado 6 vezes no Novo Testamento para homens como: Apolo (I Cor. 3:5); Tímico (Ef. 6:21; Cl 4:7); Epafras (Cl 1:7); Onésimo (Filemon 13) e Timóteo (I Ts. 3:2).

Ela é chamada também de *prostatis* (Rom. 16:2), palavra usada esta única vez no Novo Testamento e proveniente da raiz verbal, *proistfmi*, que significa governar e cuidar.³³ *Prostatis* é a forma feminina de um substantivo que significa um cuidador, patrono, alguém que preside ou fica a frente, o que tem levado alguns exegetas a deduzirem que Febe era uma figura de grande importância e destaque

³² A. MICKLESEN. Op. Cit. p. 230.

³³ Idem.

na igreja de Cencreia, possivelmente a cuidadora ou líder responsável por esta igreja. Alguém que com seus dons e serviço havia auxiliado a muitos, inclusive a Paulo. O que justificaria a maneira tão respeitosa com que Paulo a recomenda em Rm. 16:2.

“Recomendo-lhes nossa irmã Febe, serva da igreja em Cencreia. Peço que a recebam no Senhor, de maneira digna dos santos, e lhe prestem a ajuda de que venha a necessitar; pois tem sido de grande auxílio para muita gente, inclusive para mim” [NVI].

Entre outros exemplos de mulheres que se destacam no ministério, vale mencionar o nome de Priscila, também conhecida como Prisca.

Priscila é destacada, junto com seu esposo Áquila, pelo discipulado de Apolo. Um homem brilhante que chegou a transformar-se em um importante mestre de muitos. João Crisóstomo (século IV), que não era nenhum fã das mulheres chamou Priscila de ‘mestre dos mestres.’³⁴

Não há dúvidas de que as mulheres sempre tiveram uma participação ativa e fundamental na propagação do evangelho e na vida da igreja primitiva. Muitas até mesmo como líderes, que embora fossem minoria em uma cultura tão patriarcal, abrem o precedente e demonstram a potência e importância de sua participação ativa.

Segundo Colin Brown, ao falar de ministério, o Novo Testamento ressalta os dons e as funções ³⁵ e afirmar que mulheres não podem receber dons como, por exemplo, de ensino, evangelismo, liderança, ou qualquer outro, ou ainda afirmar que elas não são capacitadas pelo Espírito para exercer tais funções é uma incoerência, pois a Bíblia de maneira alguma menciona isso, antes, diz que o Espírito os distribui conforme lhe apraz. Basta olharmos para os relatos bíblicos sobre Débora, Priscila, Febe, Lídia e muitos outros, para percebermos que, tanto homens como mulheres foram, e têm sido agraciados com tais dons, visando a edificação da igreja. E ao negar ou limitar mulheres a exercerem seus dons, sejam eles quais forem, sem dúvidas a maior prejudicada será a própria igreja e sua missão.

³⁴ PERSON, Sonia. A Mulher, o evangelho e o ministério. In: STERWNAGEL. V. (org.) O Verbo se Fez Carne. p. 90.

³⁵ Colin, BROWN. Op. Cit. p. 1346.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante da análise apresentada, concluímos que não há subsídios realmente bíblicos para sustentar a limitação de qualquer ministério às mulheres.

Percebe-se que lançando mão das ferramentas da hermenêutica e da exegese, é possível cavar mais fundo ao redor dos textos bíblicos para ir além de uma leitura superficial, apressada e muitas vezes precipitada.

Os novos tempos exigem mais cuidado, sem abrir mão dos ensinamentos realmente bíblicos e imutáveis da palavra de Deus, precisamos questionar o que é realmente vontade de Deus e o que é uma cosmovisão religiosa condicionada culturalmente.

A profecia de Joel está se cumprindo, os filhos e filhas receberam dons e profetizam e deveriam poder exercer livremente seus dons em favor da expansão da igreja e do Reino de Deus, independente do seu gênero, raça, condição social, mas com base em seus dons e capacidade. Há lugar para todos, Como bem disse Jesus: “a seara é grande e os trabalhadores são poucos [...]” (Mt. 9; 37). Então levar apenas metade do exército para o fronte de batalha não parece fazer muito sentido.

Já viu algum treinador, pretendendo ser vitorioso e eficaz, treinar e colocar em posições estratégicas apenas metade do time? Pois é.

No entanto, se realmente estamos interessados em cumprir a missão delegada pelo Mestre, como igreja não podemos mais negar a relevância estratégica do papel da mulher, pois elas representam cerca de metade da força desse time.

Por esta razão é tão necessária uma reflexão realmente teológica e bíblica sobre o tema, utilizando métodos exegéticos, levando em consideração o contexto histórico-cultural e literário dos textos, a fim de fazer uma reflexão séria e profunda do assunto, antes de tentar limitar ou proibir mulheres legitimamente vocacionadas por Deus, de exercerem livremente seus dons e capacidades na igreja e a serviço dela.

Portanto, concluímos que, somente quando o paradigma da dominação e disputa pelo poder, exercido tanto por parte de homens como mulheres, for vencido e ambos perceberem que podem e devem caminhar juntos, lado a lado em prol da mesma causa, como fora o propósito inicial de Deus (Gn. 1:27-28), a igreja será a maior beneficiada.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BROWN, Colin. Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento. Trad. Gordon Chown. São Paulo – SP: Vida Nova. V:1-2. 2000.
- COLEMAN, Willian. Manual dos Tempos e Costumes Bíblicos. Trad. Myrian T. Lins. Venda Nova: Betânia, 1991.
- DOUGLAS, J.D.(Org.) O Novo Dicionário da Bíblia. Trad. João Bentes. 2ª ed. São Paulo. Vida Nova, 1995.
- EVANS, Mary. A mulher na Bíblia: uma reavaliação do papel da mulher na igreja e na sociedade. Trad. Yolanda M. Krievin. 2ª ed. São Paulo: ABU, 1986.
- FREITAS, Carmelita. A Mulher Latino Americana na Sociedade e na Igreja. <http://www.ftsa.com.br>. captura em ?/10/01
- GRENZ, Stanley J. Mulheres na Igreja: Uma teologia bíblica para mulher no ministério. Trad. Neyd Siqueira. São Paulo: Candeia, 1998.
- ROBERTS. Mark D. Uma Análise cuidadosa de I Tm 2:15. Apostila não publicada.
- MICKELSEN, Alvera. Não há homem nem mulher em Cristo. In: CULVER, Robert et.al. Mulheres no Ministério: Quatro opiniões sobre o papel da mulher na igreja. São Paulo: Mundo Cristão, 1996.
- PADILHA, Catalina. A Relação Homem Mulher na Perspectiva Cristã. In: *Clade 4: Documentos de Trabalho*. 2-8 de Setembro, 2000.p.209-213.
- PADILHA, René. A relação homem e mulher na Bíblia. In: Boletim Teológico. FTL-B. 16 de Setembro, 1991
- PERSON, Sônia. A Mulher, o Evangelho e o Ministério. In: E o Verbo se fez Carne: Desde a América Latina. Curitiba: Encontrão, 1995.
- CHAMPLIN. Russel. Enciclopédia de Bíblia Teologia e Filosofia. 5. Ed. São Paulo: Candeia, 1997.
- REINA. Enrique M. A relação homem\mulher na perspectiva cristã. In: *Clade 4: Documentos de Trabalho*. 2-8 de Setembro, 2000.p. 215-225.
- ULLOA, Rebeca. A missão da igreja e o papel da mulher. In: A Missão da Igreja. Belo Horizonte: Missão Editora, 1994. p. 127-141